

EXPERIÊNCIAS DE VELHICE NA PERSPECTIVA DA CLASSE, RAÇA, GÊNERO E SEXUALIDADE

EXPERIENCES OF OLD AGE FROM THE PERSPECTIVE OF CLASS, RACE, GENDER AND SEXUALITY

Rosemeire Scatena¹

RESUMO

Trata-se de uma pesquisa para subsidiar o pós doutoramento em Serviço Social, centrado num estudo do processo de envelhecimento e da velhice, com recorte temático nas experiências de classe social, gênero, raça e sexualidade. O principal objetivo é provocar reflexões e aprofundar estudos sobre o tema proposto, identificando as contradições inerentes à dinâmica do modo de produção capitalista e a reprodução social da classe trabalhadora, entrelaçadas com as opressões de raça, gênero e controle da sexualidade como estruturantes e estruturadas num modo específico de sociedade. Para tanto, a pesquisa foi realizada através do recurso da História Oral utilizando-se de depoimentos temáticos, a qual permitiu apreender elementos relativos à vida social de pessoas idosas, cuja história narrada é também uma história do tempo presente. Participaram da pesquisa nove pessoas com 60 anos ou mais, de ambos os sexos, brancas(os) e negras(os), pertencentes à classe trabalhadora. A análise dos depoimentos vem sendo tratado à luz da ferramenta teórica-analítica da Teoria da Reprodução Social – TRS. Os resultados obtidos sugerem que o processo de envelhecimento e a velhice, tendo seu destino biológico como uma realidade incontestável, transcende a história, pois na práxis social na sociedade capitalista generificada e racializada e com controle sobre os corpos das mulheres, residem importantes e distintas formas de envelhecer. Portanto, o processo do envelhecimento e da velhice precisa ser compreendido na sua totalidade, levando-se em conta as opressões de classe, raça, gênero e sexualidade, não se tratando apenas de um “fato biológico” e, por isso “Velhices”.

Palavras-chave: Velhice; Envelhecimento; Gênero; Raça; Classe Social e Sexualidade.

¹ Pós-doutoranda em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo em andamento. Doutora e Mestre em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Docente da Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM. Membro do Grupo de Estudos de Estudos e Pesquisas em Fundamentos, Formação e Exercício Profissional em Serviço Social – GEFEPSS, vinculado a UFTM, ao CNPq, e ABEPSS. E-mail: rosemeire.scatena@uftm.edu.br

ABSTRACT

This is a research project to support a post-doctorate in Social Work, focused on a study of the aging process and old age with a thematic focus on experiences of social class, gender, race and sexuality. The main objective is to provoke reflections and deepen studies on the proposed theme, identifying the contradictions inherent to the dynamics of the capitalist mode of production and the social reproduction of the working class intertwined with the oppressions of race, gender and control of sexualities as structuring and structured in a specific mode of society. To this end, the research was carried out through the resource of Oral History using thematic testimonies, which allowed us to capture elements related to the social life of elderly people, whose story told is also a story of the present time. Eight people aged 60 or over, of both sexes, white and black, belonging to the working class, participated in the research. The analysis of the testimonies has been treated in light of the theoretical-analytical tool of the Theory of Social Reproduction - TRS. The results obtained suggest that the aging process and old age, having its biological destiny as an indisputable reality, this reality transcends history, because in the social praxis of the gendered and racialized capitalist society and with control over women's bodies, reside important and distinct forms of aging. Therefore, the aging process and old age need to be understood in their entirety, taking into account the oppressions of class, race, gender and sexuality and it is not just a “biological fact” and, therefore, “Old Age”.

Keywords: Old Age; Aging; Gender; Race; Social Class and Sexuality.

INTRODUÇÃO

O presente artigo, objetiva lançar provocações e debates centrado no tema do processo do envelhecimento e da velhice, inserido nas dimensões das opressões de raça, gênero e controle da sexualidade da classe trabalhadora, que são constitutivas da experiência de vida e das relações sociais na sociedade capitalista. Trata-se de apresentação dos resultados preliminares do estudo.

A escolha da temática do envelhecimento e da velhice resulta de um acúmulo de experiências de ordem pessoal, profissional e acadêmica, portanto, são práticas vividas e reflexões teóricas que se entrecruzam, num esforço de buscar respostas e provocar reflexões na direção de aprofundar os conhecimentos relativos à longevidade da vida humana, em

Serviço Social & Realidade, Franca, v. 34, Fluxo contínuo (2025): Edição “A indissociabilidade entre teoria e prática no Serviço Social: tecendo conexões”.

distintas dimensões, que impactam as condições de vida das pessoas idosas da classe trabalhadora.

As preocupações em torno do processo do envelhecimento e da velhice neste estudo se inserem no contexto das relações de produção e reprodução social, que são determinantes das condições de vida humana em quaisquer ciclos etários.

Inicialmente, impõe reconhecer a fundamental importância dos avanços das tecnologias da saúde na direção de alcançar o prolongamento da vida humana, porém cabe registrar que este estudo não teve a pretensão de discutir a qualidade de vida na velhice, particularmente como um atributo individual, nem tampouco “sacralizar” e/ou “satanizar” a velhice, mas sim provocar reflexões sobre o processo de envelhecimento e a velhice inserido num contexto mais amplo, no das relações sociais na sociedade capitalista ampliada, estruturada por relações de gênero, raça e de controle da sexualidade.

As pessoas envelhecem numa sociedade, cuja sobrevivência e vivência se articula diretamente a uma renda advinda da venda da força de trabalho humano e útil para o capital, no caso daqueles que não são proprietários dos meios de produção, ou seja, pessoas idosas da classe trabalhadora² que experimentam uma relação distinta daqueles que são os proprietários dos meios de produção.

Tem sido muito recorrente na literatura a compreensão da velhice, no tocante à dimensão do trabalho, pelo viés utilitário – útil ou não útil para o capital, contido numa análise limitada a “esfera da economia” do modo de produção capitalista, mediante suas limitações físicas e até mentais ocasionadas pelo envelhecimento biológico, a pessoa idosa trabalhadora torna-se “descartável”. Neste estudo, considera-se que é necessário ampliar este debate, desmistificando “a esfera da economia”, separada da “esfera da reprodução social”.

E ao promover essa desmistificação busca-se restaurar uma dimensão fundamental desse modo de produção: as relações raciais, de gênero e o controle da sexualidade como estruturantes e estruturadas na sociedade. Rompendo assim, com a ideia de que superando o modo de produção capitalista na sua esfera econômica, as opressões de gênero, raça e de controle da sexualidade seriam consequentemente resolvidas, e ainda, que as atitudes e as

² “Classe trabalhadora”: conceito concebido nesse estudo a partir do aporte da Teoria da Reprodução Social (TRS), o qual reside num esforço de recentrar nossa compreensão das relações de classe, reelaborando a conceitualização sobre quem é a classe trabalhadora que tem sido tratado em outros artigos, mas sobretudo por FONSECA, Rhaysa Ruas In: *Teoria da Reprodução Social: apontamentos para uma perspectiva unitária das relações sociais capitalistas*. In: Revista Direito e Prax., Rio de Janeiro, Vol. 12, n. 1, 2020, p. 379-415.

apreensões que a sociedade atribui ao processo de envelhecimento e da velhice da classe trabalhadora também seriam superadas. Ledo engano!

Também, impõe reconhecer que o prolongamento da vida humana, não garantiu o fim dos processos inexoráveis do envelhecimento biológico e nem tampouco a irradicação de doenças crônicas, que acometem as pessoas idosas, impactando decisivamente num aumento dos gastos com medicamentos, incluindo tratamentos de saúde e hospitalização prolongada, além de muitas pessoas envelhecerem necessitando de cuidados domiciliares.

Neste contexto é que as pessoas idosas e a velhice exigem maiores investimentos e recursos, inversamente do que se presencia na sociedade sob a égide do capitalismo neoliberal financeirizado, que tem cada vez mais terceirizado sua responsabilidade para garantir segurança socioassistenciais e financeiras à velhice, implementando reformas previdenciárias que resultam em parcos rendimentos na aposentadoria, impactando decisivamente na condição de vida da pessoa idosa em várias dimensões, negligenciando o cuidado a estes cidadãos. Isto é fato!

Essas várias dimensões são dimensões da diferença e não são comparáveis, pois elas são iguais em peso causal, sendo determinantes nas práticas vividas pelas pessoas idosas. O grande desafio teórico que se coloca aqui é focar as especificidades de cada dimensão e buscar um entendimento de como tudo se encaixa ou não nas práticas sociais desses sujeitos no decorrer do processo de envelhecimento e da velhice. Assim, afirma-se a inquietude relativa à velhice e ao processo de envelhecimento, enquanto práticas vividas nas relações sociais da classe trabalhadora, entrelaçadas com as dimensões de opressão de raça, gênero e controle da sexualidade. A questão geracional é uma dimensão fundamental da vida social, impondo a análise articulada a outras dimensões fundamentais das relações sociais.

Para tanto, o primeiro esforço foi na direção de buscar uma bússola teórica-analítica que possibilitasse iluminar o caminho da análise à luz do marxismo, porém não limitado a uma análise econômica, mas que fosse ampliada por formas de reprodução social, ou seja, inserida na totalidade da vida em sociedade.

Como resultado desse esforço, a Teoria da Reprodução Social – TRS se colocou como a ferramenta analítica mais adequada aos propósitos deste estudo. A recorrência à TRS, impôs a revisitação da noção marxiana de totalidade social numa perspectiva unitária lançando a compreensão do sistema capitalista como complexo de relações sociais de exploração,

Serviço Social & Realidade, Franca, v. 34, Fluxo contínuo (2025): Edição “A indissociabilidade entre teoria e prática no Serviço Social: tecendo conexões”.

opressão, dominação e, alienação, relacionando-se de forma integrativa e ontológica. E, ainda, superando as dicotomias entre produção e reprodução social, natureza e cultura e em última instância, base econômica e superestrutura política, conduzindo para a compreensão da dinâmica que envolve a produção capitalista e a reprodução da vida cotidiana de pessoas idosas da classe trabalhadora, experimentada nas dimensões das opressões de gênero, raça e controle da sexualidade. E, assim, evitando o estudo do processo de envelhecimento e da velhice como uma etapa de vida à margem dos outros ciclos etários, negligenciando a trajetória de vida das pessoas que envelhecem numa sociedade específica, marcadas por dimensões das opressões já citadas.

Dessa forma, se definiu a TRS como uma teoria unitária fundamental para estabelecer uma alternativa viável à totalidade das relações sociais de desigualdades, que compõem o universo que vive a pessoa idosa.

Nessa direção, a recorrência a autores como BHATTACHARYA, Tith (2019); FONSECA, Rhaysa Ruas (2019); FRAZER, Nancy; VOGEL, Lise (2022), dentre outros, tornou-se imperativo. E, ainda, a revisitação aos escritos de MARX, Karl, nos Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857-1858, objetivando a releitura do conceito de Totalidade.

Para contribuir com as análises e produção de conhecimentos em torno do tema velhice houve a interlocução com diversas literaturas, mas aqui destaca-se Simone de Beauvoir no livro “A Velhice”, quando a autora desenvolveu um estudo bastante cuidadoso trazendo questões relativas ao tempo, à idade, à velhice e ao envelhecimento nas suas inter-relações desde as civilizações primitivas até a sociedade contemporânea, recorrendo a diversas áreas do conhecimento e a literatura de cada época. Beauvoir (1908 – 1986) optou por imergir no pensamento e sentimento das pessoas idosas, ampliou a compreensão dos modos como a psiquê dos indivíduos e sobretudo, o que é fundamental para este estudo, como as sociedades se relacionavam com a velhice destacando elementos históricos. Neste mesmo estudo, Beauvoir (1990), dedica inúmeras páginas às desigualdades de atitudes em relação a homens e mulheres idosas em distintas sociedades, destacando aspectos da sexualidade.

No tocante às dimensões das opressões de gênero, raça e sexualidade, além dos autores da TRS, a recorrência a distintos autores tornou-se imperativo, porém destacamos BERNARDO, Teresinha (2019); CISNE, Mirla (2023); FOUCAULT, Michel. História da sexualidade I: a vontade de saber (1988); SANTOS, N. M. C. (2016); FERNANDES,

Serviço Social & Realidade, Franca, v. 34, Fluxo contínuo (2025): Edição “A indissociabilidade entre teoria e prática no Serviço Social: tecendo conexões”.

Florestan em “O negro no mundo dos brancos” (1972); IANNI, Octaviano. In: Raças e Classes Sociais no Brasil (2004); MOURA, Clóvis, In: *Sociologia do negro no Brasil* (1988); Lélia de Almeida Gonzalez (1935 – 1994); e, Clóvis Moura (1925 – 2033) e, outras literaturas que a análise dos resultados da pesquisa requer, buscando-se o diálogo por aproximações sucessivas e permanentes.

Ao tratarmos da mulher negra, vemos que esta é cercada de estereótipos e insere-se num contingente invisibilizado que a segrega numa sociedade marcada por modos de ser e de viver, que tendem a inferiorizá-la ou desqualificá-la no processo de produção e reprodução do capital estruturado no racismo. Estudos demonstram que, mulheres negras idosas, sobretudo pobres tem esses estereótipos reforçados por sua condição de pobreza, acirrando as desigualdades e opressões de uma sociedade generificada e racializada, adensado pelas reduzidas políticas sociais.

Os resquícios desse processo, que se organiza na dinâmica do modo de produção e reprodução social do capitalismo, tem fortes impactos na mulher negra “velha”³, cuja exploração e opressão de seus corpos envelhecidos por um “sistema” de “trabalho” instala-se de forma degradante e humilhante.

Quando pensamos em velhice, gênero, raça e classe, o controle da sexualidade sobre as mulheres se integram às opressões centradas num corpo biológico envelhecido, que se sustentam em narrativas do “proibido”, da “moral”, do “religioso”, da “negação” e do “já foi o tempo”, em oposição ao sexualmente atraente como o corpo da juventude. Nas relações da velhice destaca-se o não sexualmente desejável, não sexualmente desejante e muito menos sexualmente aceitável. Trata-se da reafirmação do controle dos corpos das mulheres idosas.

Perpetua-se e acirram-se as opressões sobre os corpos de mulheres, negras, hoje na velhice, localizado numa determinação hétero e cisnormativa, que foi estruturada para a procriação.

Nesse contexto, afirma-se o reconhecimento do aumento da longevidade da vida humana, impactando em distintas dimensões das relações sociais e da vida cotidiana da

³ O termo velha utilizado não é de forma pejorativa. Santos (2016) afirma que os não negros poderão associar esta expressão conforme sua classe social e relacioná-la a babá, empregadas domésticas, como exemplo, em razão da hierarquização racial e posição social existente no Brasil que impõem às mulheres negras (pretas e pardas) uma condição de subalternidade. Coaduna-se com a visão da autora ao afirmar que o termo “velha” diz respeito a força das mulheres negras como ancestrais, as que vieram antes e contribuíram para ressignificar o antes e o depois das mulheres na sociedade. (SANTOS, 2016, p. 44 e 45).

pessoa idosa na sociedade moderna; estudos geracionais são urgentes e fundamentais, tanto para o benefício direto das condições de vida desta população idosa, quanto para o aprofundamento de estudos no campo da gerontologia, impactando nas definições de políticas públicas de corte social e aprofundamento do debate em distintas dimensões que impactam o processo do envelhecimento e da velhice.

A PESQUISA E RESULTADOS PRELIMINARES

De acordo com levantamento do IBGE (2022), o número de pessoas idosas no Brasil cresceu 57,4% em 12 anos, seguindo a tendência mundial de envelhecimento populacional. Em relação ao sexo, em 2022, havia 94,2 homens para cada 100 mulheres, confirmando uma feminilização do envelhecimento. Na razão raça, segundo dados do PNAD/IBGE, 53,6% da população brasileira é negra, mas apenas 48% da população idosa brasileira é negra.

Destaca-se que o maior índice de população idosa, quanto a raça, segundo PNAD/IBGE, “(...) a população amarela (256,5), seguida da preta (108,3), branca (98,0), parda (60,6) e indígena (35,6). A população preta apresentou a maior razão de sexo (103,9 homens para cada 100 mulheres) e foi a única em que o número de homens superou o de mulheres.” (PNAD/IBGE: 2022)

Esses dados confirmam a emergência de estudos que levem em conta fatores como raça, classe social e gênero, vez que essas dimensões tem profundo impacto no processo de envelhecimento no Brasil. Segundo os dados do PNAD/IBGE, 53,6% da população brasileira é negra, mas apenas 48% da população idosa brasileira é negra.

As opressões de gênero e raça impactam o processo de envelhecimento no Brasil.

Fatores como raça, classe social, gênero e escolaridade têm profundo impacto no processo de envelhecimento no Brasil. Esse fenômeno acontece por uma série de violações de direitos, que resultam na morte precoce de jovens e homens negros, que também sofrem com o encarceramento em massa. A população negra tem menos acesso a serviços de saúde de qualidade e a políticas de segurança social, gerando muitos impactos na longevidade e qualidade de vida durante a velhice. As mulheres negras são maioria em empregos precários e de baixa remuneração, como o trabalho das empregadas domésticas, que tiveram seus direitos trabalhistas regulamentados apenas em 2013. As idosas negras costumam acumular as funções de provedora e cuidadora de suas famílias, impactando em sua saúde e no acesso a direitos e cuidados necessários para envelhecer com dignidade (PNAD/IBGE, 2022).

Serviço Social & Realidade, Franca, v. 34, Fluxo contínuo (2025): Edição “A indissociabilidade entre teoria e prática no Serviço Social: tecendo conexões”.

Outras dimensões, as quais se debruça este estudo, tais como as opressões de sexualidade, ainda pouco quantificáveis, as quais requer a ampliação de debates e lugar nas preocupações de estudos do envelhecimento, observadas empiricamente como a manifestação de preconceito, discriminação e negligência.

As opressões de gênero e idade, na maioria das vezes, silenciada e silenciosa, se expressa no preconceito enfrentado pelas mulheres na sua inserção, permanência e progressão na carreira profissional, revelando uma fragilidade de apoio e suporte nas organizações.

A sexualidade de pessoas idosas é cercada por mitos de uma velhice assexuada, sobretudo das mulheres após a menopausa, disseminando a ideia de que a sexualidade é prerrogativa da juventude. Acrescido a este mito, a sexualidade de pessoas idosas ocupa pouco lugar nos debates sobre o envelhecimento, sobretudo por se inserir num conjunto de valores morais e religiosos que censuram e estigmatizam o tema da sexualidade na velhice. A prevalência de padrões de beleza corporal atribuída a juventude contribui para o fato de que pessoas idosas não sejam atraentes para o sexo. Pessoas idosas LGBTQIA sofrem preconceitos, isolamento social, violência verbal e até física por parentes, amigos e instituições. E, por fim, é flagrante a negligência na assistência a saúde das pessoas idosas no que se refere a sexualidade.

Estas opressões observadas na sociedade como um todo, sugerem a necessidade da ampliação do debate e estudos relativos a classe social, raça, gênero e sexualidade na velhice,

A tentativa de uma compreensão única torna o entendimento do processo de envelhecer fragmentado, já que há necessidade de entendê-lo a partir de suas múltiplas dimensões. É preciso buscar uma nova compreensão sobre a cultura do envelhecimento, pois, em sua grande maioria, as pessoas não se preparam para envelhecer e desconsideram o processo contínuo e ativo intrínseco a esta etapa da vida. Socialmente, há um querer viver muitos anos, mas não há um querer ficar velho (Vieira, Coutinho, & Saraiva, 2016).

Neste contexto investigativo, a aplicação da pesquisa foi realizada de janeiro a maio de 2024 no município de Uberaba – MG, utilizando-se a técnica de bola de neve para definição dos participantes, atendendo aos critérios de inclusão definidos de acordo com os objetivos do estudo.

Os critérios de inclusão na pesquisa, atento as dimensões de classe trabalhadora, raça e gênero de pessoas idosas, definiu como participantes da pesquisa: 8 pessoas idosas representativas da classe trabalhadora com 60 anos ou mais, distribuídos igualmente entre

homens e mulheres, negras/os e brancas/os, que tenham exercido ou exerça trabalho formal e/ou informal, desprezando-se o critério do estado civil. Cabe registrar que, no decorrer da coleta de depoimentos, mediante a resistência das mulheres, manifestada ao narrar suas experiências de sexualidade, optou-se por incluir uma participante que tenha exercido sua profissão como profissional do sexo.

A coleta de depoimentos foi iniciada após a aprovação do Comitê de Ética de Pesquisa da Universidade Federal do Triângulo Mineiro – CEP/UFTM.

A metodologia utilizada para realização da pesquisa se materializou na utilização do recurso da História Oral Temática, permitindo apreender elementos referentes à vida social de pessoas, cuja história narrada é uma história do tempo presente. Registrou-se a história de vida das pessoas idosas que, ao narrar suas memórias pessoais, também construíram uma visão concreta da dinâmica de vida da trajetória do grupo social ao qual pertencem, pois a história de um é a história de muitos outros do grupo social de pertencimento.

A escolha do recurso da História Oral Temática como metodologia da pesquisa se apresentou como a mais viável por reconhecer a memória das pessoas idosas como uma fonte inesgotável de experiências que possibilitam emergir as contradições, as rupturas e as continuidades vividas na passagem do tempo, bem como permite apreender nas narrativas dos participantes da pesquisa, a forma como os modos de viver foram se configurando entre homens e mulheres, negras e brancas, particularmente em relação ao trabalho e a sexualidade.

Tem sido recorrente na literatura que tratam do envelhecimento, produções de conhecimentos específicos sobre a velhice que revelam preocupações em produzir e transmitir a possibilidade de um modo de vida ideal na velhice, transformando a velhice num campo impregnado de forças, saberes e práticas que sugerem um certo modo de envelhecer, enquanto uma etapa de vida descontínua daquelas que a antecedem, materializando um novo tipo de velhice silenciada, limitando ou até mesmo negligenciando o protagonismo daqueles que experimentam a velhice.

O envelhecimento, por um lado, é alvo de dispositivos de poder que investem sobre o corpo, individualizando o envelhecer no segmento idoso e submetendo-o a experimentos médicos de contenção da doença, e, por outro, produz uma variedade de dispositivos de intervenção na própria vida enquanto fenômeno coletivo. Tratar o envelhecimento como doença, e esta como um mal, desencadeia uma aversão a se tornar velho. Velho é sempre o outro (Tótora, *apud* Domingues, 2014:556).

A utilização no recurso da História Oral Temática, particularmente no recorte temático de experiências de classe, gênero, raça e sexualidade na velhice, tema ainda tratado de forma incipiente na literatura, sobretudo na dimensão das opressões, torna a memória das pessoas idosas um mediador entre as opressões atuais e as testemunha do passado narrada por estas pessoas idosas; um recurso válido para provocar discussões do cotidiano da experiência da velhice, abrindo mão de se basear unicamente em documentos oficiais. Em que pese que esse recurso se debruce a ouvir a narrativa singular de cada participante, não se limita a uma bibliografia individual, mas a todo um processo de experiência vivido num determinado contexto societário, estabelecendo um diálogo com a totalidade das relações sociais.

Trata-se de um processo de gravação de entrevistas, que na maioria das vezes impõe mais de um encontro com o participante da pesquisa, posteriormente transcritas e analisadas num contexto mais amplo, revelando as contradições e o lugar da pessoa idosa na sociedade, narradas por seus próprios relatos.

Assim, o recurso da História Oral se constituiu num procedimento metodológico, com base nos depoimentos orais que foram colhidos sistematicamente, orientado pelos pressupostos teóricos e analíticos que norteiam a presente pesquisa, centrada no objetivo de identificar elementos constitutivos das dimensões de opressões de raça, gênero e controle da sexualidade vividas por pessoas idosas da classe trabalhadora na produção e reprodução social na sociedade capitalista e como essas dimensões são uma unidade na totalidade das relações sociais que se perpetuam no processo de envelhecimento e na velhice.

Os depoimentos foram registrados em gravações por equipamentos digitais com a prévia autorização do participante da pesquisa, quando tornou-se possível registrar as experiências vividas pelos participantes, e ainda, a observância a gestos, atitudes, expressões ao narrar determinados fatos foram fundamentais. Tais procedimentos vem contribuindo para a compreensão e análise do passado e do presente, que se materializam nas dimensões de opressões de raça, gênero e controle da sexualidade experimentadas por pessoas idosas, homens e mulheres, brancas e negras da classe trabalhadora.

Para assegurar a confidencialidade e a não estigmatização dos participantes foram adotados procedimentos que assegurem a não utilização das informações em prejuízos das pessoas, impedindo o uso de qualquer informação que identifique o participante da pesquisa,

garantindo o máximo sigilo. Foram utilizados nomes de flores para registrar os participantes da pesquisa.

Todos os encontros para coleta de depoimentos foram previamente agendados, de acordo com a disponibilidade do participante, o mesmo sendo informado previamente do tema que seria abordado em cada encontro. A coleta de depoimentos requereu uma média de 3 encontros ou mais com cada participante, evitando-se a exaustão das pessoas idosas. Apenas uma participante não permitiu o uso de gravação, justificando-se pela dificuldade de fala após ter sido acometida por um Acidente Vascular Cerebral – AVC, e ainda, a recusa se justificou pelas emoções que a invadiam ao relatar determinadas memórias, marcadas por muito sofrimento experimentado nas relações afetivas e sexuais.

Participaram da pesquisa, prestando seus depoimentos, a *Rosa*, mulher, negra, heterossexual, 61 anos, casada, nível superior; a *Margarida*, mulher, negra, 64 anos, homossexual, viúva, escolaridade nível superior, aposentada; *Violeta*, mulher, negra, 65 anos, heterossexual, casada, escolaridade nível superior e aposentada; *Dália*, mulher, branca, 71 anos, bissexual, solteira, escolaridade nível fundamental incompleto; Jasmim, mulher, branca, 70 anos, viúva, escolaridade nível fundamental, heterossexual.

Relativo aos participantes do sexo masculino, *Lírio*, negro, 77 anos, viúvo, heterossexual, nível de escolaridade ensino fundamental, aposentado; *Antúrio*, negro, 75 anos, casado, heterossexual, escolaridade nível fundamental; *Narciso*, branco, 75 anos, casado, escolaridade nível médio, heterossexual; e, *Cravo*, branco, 72 anos, viúvo, escolaridade nível fundamental, heterossexual.

No decorrer da coleta de depoimentos, observou-se certa resistência das mulheres quanto ao tema da sexualidade, apresentavam-se tímidas, às vezes constrangidas, e na maioria das vezes confidenciando situações em sussurros, por outro lado, os homens narram suas memórias relativas à sexualidade com orgulho, afirmando e enaltecendo a virilidade na maioria das vezes. Tal observação sugeriu incluir na pesquisa uma pessoa idosa do sexo feminino que tenha sido profissional do sexo, supondo que o tema da sexualidade tenha sido mais frequente em sua trajetória de vida, o que justificou o aumento de uma participante na pesquisa.

A coleta dos depoimentos trouxe contribuições para a nossa pesquisa para além dos textos já produzidos sobre a experiência de vida de pessoas idosas, confirmando um dos

pressupostos de nosso estudo, que considera a vida na atual sociedade generificada, racializada e de controle da sexualidade das mulheres como fundamento estruturado e estruturante das relações sociais, como uma unidade na totalidade.

Por meio dos relatos orais permitiu-se reconhecer as vidas e as opressões políticas-sociais e culturais experimentadas por mulheres negras e brancas e as opressões na dimensão da sexualidade, possibilitando reconstruir a história/memória destas pessoas idosas, bem como suas formas de resistência. Essas histórias tem permitido confrontar com fontes escritas e imagéticas de estudos sobre o envelhecimento.

No uso do recurso da História Oral tornou-se possível a aproximação aos participantes da pesquisa, nestas aproximações, ao ouvir e registrar suas narrativas, seus depoimentos, foi possível visualizar rostos; revelar histórias vividas sob ocultamento “silenciadas pelos discursos vinculados à reprodução de uma sociedade de exploração, dominação e discriminação” (Martinelli & Lima, 2020), possibilitando a presença da pessoa idosa a partir de sua narrativa, expressando sua experiência de vida recortado em temas como trabalho, preconceito, família, velhice, relações afetivas e sexual. E, por esse motivo, se estabeleceu uma relação dialógica que também é política, o que implica o compromisso com a voz e a história excluída do discurso oficial. Garantiu-se a possibilidade de reconstruir a história dos “sujeitos” participantes da pesquisa a partir de seu próprio ângulo, “vista de baixo”, por sua própria experiência e suas lutas e resistências para confrontar as opressões.

O benefício político e o compromisso ético na reconstrução desse conhecimento produzido a partir das narrativas na esfera dos próprios participantes da pesquisa nas suas singularidades e nos espaços públicos, nos quais esse conhecimento poderá provocar ações e mobilizar novos conhecimentos e novos sujeitos políticos.

Ademais, todos os cuidados éticos foram resguardados aos participantes da pesquisa, desde a garantia de autonomia e liberdade para os depoimentos, sem quaisquer tipos de interrupções e a construção de uma relação dialógica, que possibilitou um ambiente leve e agradável aos participantes, mesmo naqueles momentos que as memórias levaram a lágrimas e angústias. Também tiveram momentos que essa mesma memória possibilitou lembranças que trouxeram risos e saudosismos.

A análise dos resultados da pesquisa vem permitindo refletir como a esfera do modo de produção e da reprodução social, como duas esferas indissociáveis, se articulam na

Serviço Social & Realidade, Franca, v. 34, Fluxo contínuo (2025): Edição “A indissociabilidade entre teoria e prática no Serviço Social: tecendo conexões”.

totalidade das relações sociais e como as opressões de raça, gênero e controle da sexualidade se perpetuam e impactam na vida das pessoas idosas da classe trabalhadora.

DISCUSSÃO

Consideram-se aqui pessoas idosas acima de 60 anos, em consonância com o Estatuto do Idoso (Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003), entretanto, não se pode adotar, com relação à velhice, nem um ponto de vista nominalista ou conceptualista que a defina. Entende-se que, como afirma Beauvoir (1980:345) “A velhice é o que acontece às pessoas que ficam velhas; impossível encerrar essa pluralidade de experiências num conceito, ou mesmo numa noção”, porém, é possível confrontá-las umas com as outras num esforço de destacar delas as constantes e identificar suas diferenças, levando-se em conta as distintas dimensões constitutivas das relações sociais em determinados tempos históricos e sociedades específicas em que as pessoas envelhecem.

A velhice é uma realidade que transcende a História, bem como a condição das pessoas idosas não é a mesma em toda parte, nem em todas as épocas limitada ao fator cronológico e/ou biológico, mas é justamente nessa diversidade de contexto histórico, de raça, de gênero, de classe social e de sexualidade que, identificar constantes e diferenças poderão contribuir com estudos sobre o envelhecimento e a velhice na sociedade moderna.

“Eu não me sinto velho(...) sou muito mais jovem do que muitos moços que vejo por aí. Essa coisa de terceira idade eu acho que está na cabeça das pessoas.” (Narciso, 75anos) A afirmação de sentir-se jovem, negando a velhice pode ser um falso dilema e até mesmo um problema por revelar o desconhecimento da complexa realidade da velhice, pois esta é uma relação dialética entre como ele se percebe em relação ao outro, tal como ele se define objetivamente, mas ele é também aquilo que o outro percebe nele e para o outro e para a sociedade ele é uma pessoa idosa. Neste sentido, a velhice aparece mais claramente para os outros, do que para a própria pessoa idosa, sobretudo quando se inicia o processo de envelhecimento, demarcada aos 60 anos de idade.

Quanto à vida profissional, excetuando-se uma participante da pesquisa, a Rosa (62anos) que ainda exerce trabalho formal no serviço público, os demais participantes estão aposentados, exercendo atividades sem vínculo profissional, percebendo-se fora do mercado

Serviço Social & Realidade, Franca, v. 34, Fluxo contínuo (2025): Edição “A indissociabilidade entre teoria e prática no Serviço Social: tecendo conexões”.

de trabalho produtivo, “...já estou aposentado há 10 anos. Agora faço uns bicos aqui, ali, faxino, vendo galinhada, passo roupa para fora, levo e vou buscar meus netos na escola, as vezes cozinho para minha filha. Minha filha e meu genro trabalham fora e não tem com quem deixar as crianças quando não tem aula, daí eles ficam por aqui... coitados, eles têm a vida muito corrida, preciso ajudar” (Jasmim, 70 anos)

Aqui se encontra o primeiro confronto com a interpretação única do trabalho no capitalismo, limitada à vinculação formal ao mercado de trabalho, compreendendo a relação entre o trabalho que produz mercadorias e o que produz pessoas, como parte da totalidade sistêmica do capitalismo, ou seja, o trabalho produtivo (social) e o trabalho necessário, como Vogel(2013) localiza, no interior da categoria marxiana “trabalho necessário”, uma dupla dimensão, específica das sociedades capitalistas: sua divisão em dois componentes, o social e o doméstico. E essa dimensão do trabalho doméstico continua sendo exercida pelas pessoas idosas, sobretudo as pessoas idosas do sexo feminino.

Como também pode ser confirmado no depoimento da Violeta (64 anos), “Me aposentei no serviço público, sempre ganhei mais do que meu marido. Agora ele também está aposentado e ganha menos do que eu, mas continuo trabalhando, fazendo pão de queijo e vendendo óleos essenciais para ajudar com as despesas da casa” e ainda continua “A vida toda cuidei dos meus pais até a morte, cuidei dos meus irmãos mais novos, cuidei do meu sogro e ainda cuido da minha sogra que tem problemas cardíacos e hoje cuido da casa e do meu marido que está doente”. Nesse depoimento se coloca o trabalho reprodutivo diário e geracional que ocorre nas famílias, nas escolas, nas instituições e assim por diante, e se constituem como espaço da reprodução social do capitalismo e das relações sociais e que tem sido exercido prioritariamente por mulheres, mesmo quando estas chegam à velhice.

(...) diz respeito às questões de opressão (gênero, raça, sexualidade) de forma não funcionalista, já que a opressão é teorizada como estruturalmente relacionada e, portanto, moldada pela produção capitalista, e não às margens da análise ou como complemento de um processo econômico mais profundo e vital. (Vogel, 2023:20)

As práticas sociais de pessoas idosas nas relações sociais capitalistas são estruturadas por relações de exploração e opressão de gênero, raça e sexualidade, enquanto unidade da vida em sociedade, pois gênero, raça, controle de sexualidade e classe se entrelaçam nas relações de produção capitalista e são constitutivas numa unidade da experiência vivida pelas pessoas idosas participantes dessa pesquisa.

Serviço Social & Realidade, Franca, v. 34, Fluxo contínuo (2025): Edição “A indissociabilidade entre teoria e prática no Serviço Social: tecendo conexões”.

Em sua forma mais abstrata e genérica, a velhice das mulheres idosas participantes da pesquisa, em relação ao mundo do trabalho, aparece como aposentadas, portanto com o tempo livre para se dedicar a atividades voluntárias, mas em suas narrativas revelam a relação contraditória que constitui seu cotidiano de vida na velhice e nesse processo de envelhecimento, ou seja, demonstram a forma mais complexa, enquanto unidade na totalidade das relações sociais em que se inserem, pois essa totalidade não é o real imediato.

O capitalismo em si, em seu movimento concreto de centralização, concentração e expansão, ele depende necessariamente de formas de opressão social, tanto econômicas – que viabiliza a exploração da força de trabalho – quanto extraeconômicas – que viabiliza a expropriação. Para que os filhos possam trabalhar, a avó cuida dos netos e muitas vezes realiza serviços domésticos como passar, lavar roupa, preparar refeições para seus filhos e filhas que estão inseridos no mercado formal.

Muitas pessoas idosas dependem de cuidados no domicílio e, mediante os poucos recursos da aposentadoria que impedem a pessoa idosa de ter um cuidador profissional, agregado a falta de investimentos na saúde em programas domiciliares, a atividade do cuidado recai sobre a família.

Nas classes subalternas, em sua maioria, são as mulheres também idosas, esposas, noras, ou filhas que prestam um serviço de cuidado não remunerado. A pessoa idosa cuida de seus idosos, prestando um serviço não remunerado, de caráter vocacional, fora do mercado de trabalho e se percebem na obrigação e no dever moral de exercer essa atividade.

A mesma situação se evidencia em relação aos cuidados com netas/os, quando os pais trabalham fora e não tem vagas em creches, ou até mesmo quando estas existem, os avós são os responsáveis por levar e buscar as crianças. O mesmo não ocorre em famílias nas classes de proprietários, quando é possível a contratação de “babás” e as crianças frequentam escolas particulares em tempo integral.

A sociedade capitalista tem uma tendência profundamente arraigada à crise ou à contradição socio reprodutiva, se por um lado possibilitou o aumento da longevidade, mediante o implemento de racionalidade técnica-científica das tecnologias da saúde, por outro lado, ignorou as seguranças e proteções necessárias para garantir condições de vida a esta população, de acordo com as necessidades requeridas na velhice, as quais recaem prioritariamente sobre as mulheres idosas,

Serviço Social & Realidade, Franca, v. 34, Fluxo contínuo (2025): Edição “A indissociabilidade entre teoria e prática no Serviço Social: tecendo conexões”.

Os déficits de cuidado que experimentamos hoje são a forma que essa contradição assume na terceira e mais recente fase do desenvolvimento capitalista. (...) Por um lado, a reprodução social é uma condição imprescindível para a acumulação sustentada do capital; por outro, a orientação do capitalismo para a acumulação ilimitada tende a desestabilizar os próprios processos de reprodução em que se baseia. (Fraser, 2013:p.47)

A velhice de mulheres idosas, da classe trabalhadora, tem sido requerida para prestação de cuidados, seja de outras pessoas idosas ou de netas e netos, imposta como um ato vocacional e voluntário, e até mesmo uma obrigação moral, como afirma Fraser (2013) “(...) desde a era industrial, as sociedades capitalistas separam os trabalhos de reprodução social e de produção econômica.”, atribuindo às mulheres os primeiros e aos homens o segundo.

Pesquisa intitulada “Perfil do cuidador familiar de idosos dependentes em convívio domiciliar”, realizada por Lara de Sá Neves Loureiro e Maria das Graças Melo Fernandes, para a dissertação de mestrado “Sobrecarga em cuidadores familiares de idosos dependentes do município de João Pessoa, Paraíba, Brasil”, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal da Paraíba e publicada na Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online da Universidade Federal do Rio de Janeiro, aponta que “Em relação ao sexo, a maioria destes cuidadores (92,3%) é do sexo feminino, sendo a maioria (75%) residente na casa do idoso.”; e ainda demonstra que é significativo o número de cuidadores acima de 51 anos de idade, ou seja, pessoas em processo de envelhecimento que se encontram independentes, cuidando de pessoas idosas dependentes.

A predominância das mulheres de maior idade no cuidado (92,3%) corrobora com estudos que destacam o papel da mulher idosa como cuidadora, confirmando os dados apresentados por outros autores e pesquisadores desse tema, tais como Diogo MJDE e Duarte YAO; Silveira TM e ou; e, Fernandes MGM, Garcia TR.

Esse aspecto, ainda, está presente não só na sociedade brasileira, pois a mulher ainda é a principal responsável pelo cuidado, inclusive e principalmente na velhice, compreendido, muitas vezes, como uma extensão das atividades domésticas. A atribuição desse papel do cuidador às mulheres, não são arbitrárias, mas obedecem às normas sociais que envolvem o grau de parentesco com o idoso (com prioridade para cônjuge e filhos), gênero (com predominância de mulheres), proximidade física (principalmente aqueles que vivem com o idoso) e proximidade afetiva.

Serviço Social & Realidade, Franca, v. 34, Fluxo contínuo (2025): Edição “A indissociabilidade entre teoria e prática no Serviço Social: tecendo conexões”.

Mesmo quando o trabalho de cuidador é formal há predominância de mulheres, em sua maioria negras, contratadas a baixos salários, algumas vezes, residindo no próprio domicílio da pessoa idosa, ficando à disposição para cuidados em tempo integral.

A questão do cuidado de pessoas idosas confirma a relação entre *exploração*, geralmente ligada à classe e *opressão*, geralmente compreendida por gênero e raça, refletindo se essa divisão expressam um nível concreto para análise.

Relativo as atividades informais, exercida por mulheres idosas, de cuidados com os netos e netas, a literatura tem associado o fenômeno ao aumento da expectativa de vida no Brasil que impactou na convivência, conectando gerações e transformando os arranjos familiares. Evidencia-se que as famílias brasileiras, atualmente, apresentam mais avós do que no século passado e ao examinar essas transformações os avós assumem novos papéis e responsabilidades nesses contextos familiares reformulados. (Zanatta, 2017)

A pessoa idosa vem assumindo um papel sociofamiliar, apontando novas características na microestrutura familiar, pois não é raro que, além de contribuir financeiramente na sustentação de suas famílias, com frequência assumem cuidados junto aos netos, tanto para o cuidado na infância quanto para formação de crianças e/ou pré-adolescentes.

Cuidar dos netos, em tempo integral ou em parte e/ou coabitarem, é uma ocorrência em vários países e principalmente na sociedade contemporânea. Tais cuidados podem estar relacionados às situações dos pais, como trabalho em período integral, divórcio, consumo de substâncias psicoativas, prisão e morte, levando os avós a assumirem a responsabilidade de cuidados dos(as) netos/as e com isto, colocando-os em dilemas individuais, intrafamiliares e extrafamiliares. (Bragato, Internet:2023, pg.2)

Em estudo, descritivo, de corte transversal e abordagem quantitativa, realizado com idosos cuidadores de crianças e/ou pré-adolescentes do município de Uberaba-MG, utilizando a amostra calculada a partir dos 1.627 idosos cuidadores de crianças e/ou pré-adolescentes, referente a cada Estratégia Saúde da Família – ESF do município, obtendo amostra de 400 avós, os resultados da pesquisa identificaram avós de 60 a 93 anos de idade, de modo que a maioria estava entre 60 e 69 anos, (66,6%), e média de 67 anos. Com relação ao sexo, 343 (87,5%) eram mulheres idosas. (Bragato, Internet:2023)

Segundo os pesquisadores, os dados levantados nesta pesquisa, corroboram com “o relatório de dados British Social Attitudes Survey (BSA) de 1998 e 2009, conduzido pelo NatCen para analisar avós na Grã-Bretanha, encontrou que a maioria dos avós fornecem cerca de 10 horas semanais de cuidados aos netos. Na Europa, outra pesquisa encontrou carga horária de 15 horas semanais de cuidados.” (*Ibidem*)

A relação de cuidado entre avós e netos é um aspecto invisível à produção científica, mas também se trata de uma atividade exercida por mulheres idosas fora do mercado formal de trabalho, portanto não remuneradas.

A Teoria da Reprodução Social, demonstra que “A produção capitalista não é autossustentável e depende da reprodução social”, para que os pais possam vender sua força de trabalho, alguém precisa cuidar dos seus filhos e filhas. Nesse sentido, novamente o trabalho exercido por mulheres idosas no domicílio, o qual garante a venda da força de trabalho no mercado pelos pais adultos, não tem visibilidade para o capitalismo. É na esfera da reprodução social que a pessoa idosa, majoritariamente mulheres, contribui para a produção e reprodução do capital. Assim, descartamos quaisquer análises que inserem a pessoa idosa como improdutiva para o capital e reafirmamos a opressão de gênero e raça que recai sobre as mulheres na velhice.

No tocante à mulher negra, vemos que é cercada de estereótipos e insere-se num contingente invisibilizado que a segrega numa sociedade marcada por modos de ser e de viver, que tendem a inferiorizá-la ou desqualificá-la no processo de produção e reprodução do capital estruturado no racismo. Estudos demonstram que, mulheres negras idosas, sobretudo pobres tem esses estereótipos reforçados por sua condição de pobreza, acirrando as desigualdades e opressões de uma sociedade generificada e racializada, adensado pelas reduzidas políticas sociais.

Os resquícios desse processo generificado e racializado que se organiza na dinâmica do modo de produção e reprodução social do capitalismo, tem fortes impactos na mulher

negra “velha”⁴, cuja exploração e opressão de seus corpos envelhecidos por um “sistema” de “trabalho” se torna degradante e humilhante.

Quanto aos depoimentos dos participantes da pesquisa, particularmente ao abordarem a temática da sexualidade, cabe destacar o esforço desta pesquisadora na preparação da abordagem junto aos participantes. Se por um lado, as mulheres idosas se apresentavam constrangidas ao narrar suas memórias sobre as experiências sexuais, materializadas com falas sussurradas e de forma bastante resumida, limitadas à experiência do casamento, conduziam rapidamente o assunto em outra direção, rememorando fatos do namoro e principalmente do casamento. Por outro lado, as pessoas idosas do sexo masculino, talvez por estarem sendo entrevistados por uma pesquisadora mulher, de imediato expressavam um certo estranhamento, porém, aos poucos iam trazendo memórias que, em sua maioria, ganhavam destaque aquelas narrativas que o colocavam como um homem viril e desejado, tendo a oportunidade de escolher a mulher que seria a mãe de seus filhos e as mulheres que lhe dariam prazer. Essa distinção entre os homens marcou de forma explícita seus depoimentos.

A principal queixa das mulheres idosas viúvas é o sentimento da solidão e confessadamente a falta de um companheiro, no entanto, em relação ao sexo com o parceiro afirma que quando o marido estava vivo, “*Sentia um calorção(...) as vezes ele me procurava, mas logo fingia que estava dormindo. Dava graças a Deus quando ele não me procurava(...) as vezes tinha até nojo (...) isso ficou lá para trás para mim(...) preferia que ele tivesse outras por aí, assim ficava livre de mais essa...(risos)*” (Jasmim, 70 anos)

Interessante observar que este depoimento não foi recorrente em todas as participantes da pesquisa, contrariamente, as demais participantes afirmaram sentir desejos sexuais, obviamente não como na juventude, mas é inegável o desejo de serem tocadas, abraçadas, beijadas e acima de tudo desejadas. Expressaram esses sentimentos após bastante diálogo e com certo constrangimento, como se não fossem mais dignas destes desejos, como algo imoral e pervertido.

⁴ O termo velha utilizado não é de forma pejorativa. Santos (2016) afirma que os não negros poderão associar esta expressão conforme sua classe social e relacioná-la a babá, empregadas domésticas, como exemplo, em razão da hierarquização racial e posição social existente no Brasil que impõem às mulheres negras (pretas e pardas) uma condição de subalternidade. Coaduna-se com a visão da autora ao afirmar que o termo “velha” diz respeito a força das mulheres negras como ancestrais, as que vieram antes e contribuíram para ressignificar o antes e o depois das mulheres na sociedade. (SANTOS, 2016, p. 44 e 45).

Noutro artigo que se encontra em desenvolvimento, esse tema da sexualidade na velhice será tratado com maior aprofundamento, inclusive as mudanças hormonais que distinguem homens e mulheres no envelhecimento e seus impactos nas relações interpessoais entre pessoas idosas do sexo feminino e masculino. Aqui, o que interessa é de forma concisa provocar a discussão da sexualidade na velhice no contexto da sociedade capitalista ampliada, afirmando a carência ou quase inexistência de estudos da sexualidade no processo de envelhecimento e na velhice para além de seus aspectos biológicos.

Essas relações de opressão, classe, raça, gênero e controle da sexualidade, têm uma ontologia comum no capitalismo especificamente, que é forjado no imbricamento total dessas formas sociais, que são inclusive, ao mesmo tempo resultado e pressuposto desse modo de produção e são uma só relação social. E, nos estudos da velhice ficam ausentes do debate, homogeneizando o processo do envelhecimento, prevalecendo fatores biológicos e cronológicos, sugerindo que a classe trabalhadora que é forjada de maneira racializada, generificada, sexista numa lógica heteronormativa, possa ser superada ou são de menor importância na velhice.

Como o próprio processo de acumulação primitiva do capital, e aí se incluindo o coronelismo etc., enfim, todo o processo que deu origem ao capitalismo é um processo que em si forja essas relações enquanto uma unidade, enquanto totalidade.

Se é sabido que os limites biológicos e os processos de declínio físico no envelhecimento são inexoráveis em quaisquer sociedades, quicá envelhecer negligenciando todas as dimensões de opressões que são forjadas numa sociedade específica em suas relações sociais em todos os ciclos etários.

Fundamentada pela TRS é que se provoca uma reflexão sobre a complexa relação entre a *essência e a aparência* do processo do envelhecimento e da velhice na sociedade capitalista, cuja aparência ganha contornos de um processo homogêneo sugerindo a superação das múltiplas opressões de raça, gênero, controle da sexualidade e exploração de classe.

No capitalismo, reduzir a condição de vida da pessoa idosa a estudos que tem por pressuposto a questão de renda, a ocupação do tempo livre com práticas saudáveis, investimentos em tecnologias da saúde, dentre outros aspectos, como um receituário para o “bem envelhecer” com base em um conhecimento empírico imediato ou factual da realidade,

ignorando as distintas e diversas mediações que estão pressupostas nesta percepção incorre num equívoco com consequências práticas.

A condição social de exploração e expropriação da pessoa idosa da classe trabalhadora está diretamente ligada à uma condição social de subordinação e desumanização da pessoa idosa mulher e negra e esta mesma lógica pode ser aplicada as opressões de controle da sexualidade, portanto, a “romantização” da velhice não supera e muito menos resolvem essas opressões vivenciadas pela condição de classe na sociedade capitalista.

Ao analisar a questão do processo de envelhecimento e da velhice por esse prisma poderá abrir-se outras possibilidades de análise teórica e pensar estratégias de luta política para que de fato valha a pena o prolongamento da longevidade para todas e todos.

Este artigo, se encerra com o depoimento de uma das participantes da pesquisa, a qual materializa de forma explícita a quem este estudo teve pretensão de garantir voz, “*Sou mulher preta, pobre, homossexual e cheguei na velhice... Eu venho de uma linhagem de mulheres fortes, mulheres que batalharam muito para ser o que são e o que foram*” (Margarida, 63 anos).

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, S. de. **A Velhice**. Trad. De Maria Helena Franco Monteiro. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990. 711p.

BHATTACHARYA, T. (org.). **Teoria da Reprodução social**: remapear a classe, recentralizar a opressão. Ed. Elefante/SP, 2019. 340p.

BHATTACHARYA, T. “O que é a teoria da reprodução social?” Originalmente publicado em 10 set. 2013 no periódico Socialist Worker. Tradução para o português publicada na Revista Outubro, n.32, 1º semestre, 2019.

BRAGATO AG da C, GARCIA LAA, CAMARGO FC, et al. **Grandparents that take care of grandchildren: analysis of the care profile and intensity**. *Cogitare Enferm*. [Internet]. 2023 [cited “insert year, month and day”]; 28. Available from: <https://dx.doi.org/10.1590/ce.v28i0.88190>. Disponível em <https://www.scielo.br/j/cenf/a/nKnHWrLhS8HrCbL7TPM88mk/?lang=en>. Acesso em 20 de mar. 2024.

BRASIL. Lei n. 10.406, de 10 de janeiro de 2002. |Institui o Código Civil. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, ano 139, n.

Serviço Social & Realidade, Franca, v. 34, Fluxo contínuo (2025): Edição “A indissociabilidade entre teoria e prática no Serviço Social: tecendo conexões”.

FONSECA, R. R. **Unidade, diversidade, totalidade:** a Teoria da Reprodução Social e seus contrastes. 2019. 225 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Direito) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

FONSECA, R. R. **Teoria da Reprodução Social:** apontamentos para uma perspectiva unitária das relações sociais capitalistas. In: Revista Direito e Prax., Rio de Janeiro, Vol. 12, n. 1, 2020, p. 379-415.

FRAZER, N. **Crise do cuidado?** Sobre as contradições socioprodutivas do capitalismo contemporâneo. In: BHATTACHARYA, Tith (org.). In: **Teoria da Reprodução social:** remapear a classe, recentralizar a opressão. Ed. Elefante/SP, 2019. p. 45-70

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **População por idade e sexo.** 60 anos ou mais de idade. Censo demográfico, 2022. Disponível In: chrome-extension://efaidnbnmnnibpcajpcglclefindmkaj/https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/ca93b770f7ef3931bd425cdea60c8b5c.pdf, acesso em 22 de janeiro de 2025.

LOUREIRO, Lara de Sá Neves, FERNANDES, Maria das Graças Melo. In: *Journal of Research Fundamental Care Online*, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. **Perfil do cuidador familiar de idosos dependentes em convívio domiciliar.** Trabalho extraído da dissertação de mestrado “Sobrecarga em cuidadores familiares de idosos dependentes do município de João Pessoa, Paraíba, Brasil”, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal da Paraíba. Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online E-ISSN: 2175-5361 rev.fundamental@gmail.com Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (J. res.: fundam. care. online 2015. dez. 7(supl.):145-154)

MARTINELLI, M. L. & LIMA, N. C. **Entrevista na História Oral:** campo de mediações na intervenção e pesquisa. In: A História Oral na pesquisa em Serviço Social: da palavra ao texto. Editora Cortez: São Paulo, 2020. p. 103-119.

VIEIRA, K. F. L.; COUTINHO, M. P. L.; SARAIVA, E. R. A. **A sexualidade na velhice:** representações sociais de idosos frequentadores de um grupo de convivência. Psicologia: Ciência e profissão, jan./mar. 2016, vol.36 nº1, 196-209.

VOGEL, L. **Marxismo e a opressão às mulheres:** rumo a uma teoria unitária. Tradução: Equipe de Tradução do Grupo de Estudos sobre Teoria da Reprodução Social (GE-TRS): Camila Carduz Rocha, Carla Benitez, Clara Saraiva, Gabriela Azevedo, Lívia de Cássia Godoi Moraes, Mariana Shinohara Roncato, Patrícia Cotta, Patrícia Rocha Lemos, Rhaysa Ruas. Editora Expressão Popular: São Paulo, 2022. Disponível in: <https://lgbtcomunista.org/2022/07/27/texto-3-marxismo-e-a-opressao-as-mulheres-por-uma-teoria-unitaria-por-lise-vogel/> acesso em 10 de set2023.

ZANATTA E, A. D. M. **Conhecendo a imagem, o papel e a relação avó-neto: a perspectiva de avós maternas.** Estud. Pesqui. Psicol. [Internet]. 2017 [cited 2021 mar. 13]; 17(1):343-363. Available from:

Serviço Social & Realidade, Franca, v. 34, Fluxo contínuo (2025): Edição “A indissociabilidade entre teoria e prática no Serviço Social: tecendo conexões”.

<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/35164/24865>. Acesso em 12 de março de 2024.

Artigo recebido em 11 de novembro de 2024.
Revisto pelo autor em 21 de fevereiro de 2025.
Aprovado para publicação em 05 de maio de 2025.
Responsável pela aprovação final: Maria José de Oliveira Lima